

Deslocamentos epistêmicos e as propostas de transgressão e desvio no campo da Comunicação

Revista Eco-Pós, v. 27, n. 3, 2024

Não há movimento sem ousadia. É no ímpeto do atrevimento que as coisas se desdobram, se transformam e se ramificam - mesmo em pequenos sopros de audácia - em busca de rupturas sutis ou estrondosas com o aprisionamento da estabilidade. A ousadia, tal qual uma faísca indomável, acende caminhos nos quais anteriormente havia apenas a penumbra sólida e segura da inércia. É a ousadia, portanto, que desafia os limites do conhecido, lançando corpos e ideias no redemoinho do inesperado e da transformação, arriscando ser a ponte entre o impossível e o real, em um movimento que não encontra sempre razão ou direção. Ousadia é, afinal, o motor primordial do vir a ser.

No campo científico, contudo, a ousadia é frequentemente vista como uma dança inquieta nas margens da certeza, um risco de se perder em territórios desconhecidos nos quais a precisão dá lugar aos riscos da ambiguidade. Muitas vezes, a coragem de questionar a fixidez dos limites e enfrentar a percepção desconfiada sobre as fronteiras pode ser confundida com uma brecha na solidez, uma distração do rigor ou uma entrada inevitável no terreno instável da subjetividade. De fato, o atrevimento nesse contexto é sempre uma promessa de caos em um jardim de método, um passo dado em direção ao imponderável e ao desmantelamento de certezas. Os processos, os pressupostos e as abordagens, então, são desconfigurados e repensados, fazendo os achados de pesquisa parecerem nuvens errantes que precisam ser perseguidas, é claro, com muito mais entusiasmo do que cálculo.

O primeiro passo - tímido até - em direção a esta iniciativa insolente no campo da Comunicação pode ser ousar romper os grilhões dos cânones, mesmo que seja para colocá-los em diálogo e em movimento. Desafiar-se a olhar para além das epistemologias dominantes, impregnadas de subjetividades encobertas e disfarces impostores de

distanciamento e neutralidade, é também construir um convite à reconstrução e à reflexão, talvez em direção a aprofundamentos de campos e fenômenos ainda inexplorados. São os deslocamentos epistêmicos, portanto, que inauguram essa busca pelo desconhecido, mesmo que essa busca seja, inclusive, pelo questionamento do próprio campo e das práticas cristalizadas de agentes tradicionais. Afinal, como pensar em deslocamentos epistêmicos sem considerar seus entrelaçamentos inevitáveis com os deslocamentos espaciais, políticos e identitários?

Foi a partir dessa perspectiva que pensamos na proposta deste dossiê. Sem a pretensão de rupturas espetaculares, buscamos oferecer mais um espaço para reconstituição de saberes e perspectivas que dançam além das fronteiras convencionais, desafiando a ordem e a harmonia da constância e da imutabilidade e propondo, no mínimo, estremecimentos que antecedem algumas transformações. Foi assim que o dossiê propôs acolher trabalhos que tensionassem as bordas do saber, integrando perspectivas e olhares de sujeitos pesquisadores e seus lugares historicamente invisibilizados, entendendo que o pensar comunicacional pode ser plural e contracolonial, ampliando as bases metodológicas e teóricas a partir de saberes ancestrais, experiências de vida e cosmopercepções que reconfiguram as relações entre o local e o global, o centro e a margem, o passado e o presente.

Inspirando-se em práticas epistemológicas que transgridem os modos tradicionais de produção científica, o dossiê buscava, então, apresentar debates e trajetórias que desestabilizassem certezas e abrissem caminhos para a reinvenção, evidenciando o potencial criativo e político de narrativas advindas das margens e apresentando, sobretudo, a criação de contrapontos às imposições das normatividades. Com o recebimento de 56 artigos submetidos ao dossiê, percebemos que compartilhamos um cenário de renovação inevitável no campo. O futuro já está acontecendo e já propõe embaraços e desarranjos fundamentais. Concluimos que há espaço para outras tendências desbravadoras na pesquisa em Comunicação porque há potência nas histórias de vida negadas, nas memórias coletivas e na oralidade, assim como já estão em prática as metodologias insurgentes que tensionam a rigidez dos pressupostos legitimados.

Na leitura deste dossiê, convidamos ao atravessamento de encruzilhadas e à exploração de caminhos que levam a encontros, embates, riscos e reinvenções. Em cada artigo, encontra-se a insistência em pensar e propor desvios, reconhecendo que a apreensão da dúvida e da disputa pode e deve ser a base fundamental para a produção de conhecimento. Não é à toa, portanto, que nós propomos abrir o dossiê com o trabalho “Branco sai, preto fica: um ensaio de filosofia política radical sobre as cosmopolíticas da racialidade e a crítica da meritocracia moderna”, dos autores Renata Nascimento e José Carlos Messias, soprando a centelha em direção aos espaços de poder - inclusive aqueles que assentam o trabalho científico - a partir de uma provocação autoinscrite de três editoras negras. O ensaio defende de forma contundente as intervenções ontoepistemológicas, reconhecendo o privilégio branco velado e a agência dos dispositivos de racialidade que fundamentam as políticas envoltas no discurso meritocrático.

Em seguida, Luciana de Oliveira e Bárbara Regina Altivo, em “Forjar escuta pelo encantamento do olhar: Mobilizações indígenas, imagens intermundos e invenção de fóruns cosmopolíticos”, dedicam-se à importância da comunicação intermundos e elegem, para um exercício perceptivo sensível, uma curadoria de fotografias realizadas por fotógrafos/as e coletivos indígenas e indigenistas do Acampamento Terra Livre (ATL), analisada conforme gestos e movimentos de um sugestivo “fórum cosmopolítico”. Na sequência, o artigo “Mulheres Indígenas em Comunicação: Resistência Interseccional na luta pelo Território-Corpo-Espírito” ressalta, sob a lente dos saberes interseccionais e feministas decoloniais, o ambiente digital e de resistência indígena do movimento Acampamento Terra Livre (ATL). Com olhar para lives do movimento, as autoras Lorena Cruz Esteves e Danila Cal destacam a defesa do sagrado “Território-Corpo-Espírito”, das expressões culturais plurais e das vozes das mulheres na construção dialógica de saberes indígenas.

William David Vieira, em “Por uma epistemologia do barranco como afronta do saber: O amor, a nostalgia e o sonho em uma periferia”, situa-nos no saber periférico e “sobrescreviente” em gesto de afronta às epistemes mais ortodoxas de conhecimento. Através da vivência do “barranco” ouro-pretano, William nos conduz por uma narrativa

afetiva, atravessada por memórias, imagens e sonoridades que se embaralham na escrita e traz, pela experiência, possibilidades comuns de vida sem o apagamento das diferenças. Expandindo ainda a discussão epistemológica, Alberto Efendy Maldonado, Felipe Collar Berni, Luan Correia Cunha Santos e Pedro Henrique Andrade, em “Transmetodologias e disputas epistêmicas em processos de investigações comunicacionais comprometidos com a cidadania, emancipação e bem-viver”, dão ênfase à potência criativa da transmetodologia e elegem, para o estudo, pesquisas do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes que mencionam o termo e o diálogo com o critério da “afetação”. Para os autores, a transmetodologia se propõe como fricção aos saberes rígidos, acolhendo o movimento fluido da construção de conhecimento que se faz pelo encontro, por pesquisas que não se separem de seus sujeitos.

Seguindo no experimentar das dimensões comunicacionais, em “O corpo comunicante e o fenômeno midiático-alimentar das quizilas no culto aos Orixás”, de Florence Dravet e Gustavo Castro Silva, o alimento é entendido como mediação, um vínculo entre esferas espirituais e culturais no pensamento das religiões afro-brasileiras. A alimentação, para os autores, é uma intenção manifestada pelo corpo do filho de santo que, em suas limitações, interage com o Orixá, perfazendo uma identidade, ao mesmo tempo, pessoal e comunitária. Já em “Decolonizar a palavra, a imagem e o fazer comunicacional: análise da Ororubá Filmes como uma produção midiática perspectivada”, de Dina Tatiana Quintero e Sofia Zanforlin, a “etnocomunicação” surge como inspiração alinhada à decolonização verbal e imagética, vinculada também à prática da comunicação comunitária. O material audiovisual da Ororubá filmes é, para as autoras, um caminho investigativo para compreender a perspectiva comunicacional do povo indígena Xukuru do Ororubá, suas cosmovisões e possibilidades emancipatórias e comunitárias. O respeito a uma epistemologia própria passa, também, por reconhecer a ancestralidade dos conhecimentos.

Uma aproximação respeitosa com o local e seus saberes também é acolhida no artigo “Entre a cova e o berço: Modos de significação e trabalho na Roça do Futuro”, de Bruna Távora, Marcelo Rangel e Vinícius Oliveira, por onde chegamos ao agricultor Ivanilson Leal, conhecido por Seu Negão, morador do município de Estância, em Sergipe.

Em sua vivência orgânica com o fazer agroecológico, integrado ao Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) e à dimensão do “comum”, Seu Negão é lugar epistemológico de comunicação multiespécie por onde os autores trazem a construção de um saber contracolonial, freireano e biointerativo, fundamental para aprendermos ainda mais com a “roça do futuro”.

Voltando ao cinema, em “Afro-surrealismo, insólito e desobediência epistêmica em Não! Não Olhe!”, de Marília de Orange e Rodrigo Carreiro, o onírico afro-surreal e o insólito nos levam ao lugar estético e subversivo do olhar decolonial. Para os autores, no filme “Não! Não Olhe!”, de Jordan Peele, dialogamos com a possibilidade de comunicar o invisível, com pontos de vista de seres à margem, levando ao debate crítico de olhares interseccionais em criações cinematográficas. Ainda sob a chave interseccional, o trabalho “Autodefinição contra o terrorismo cis heterossexista: aspectos teórico-metodológicos para abordar a saída do armário”, de Pedro Augusto Pereira e Tamires Ferreira Coêlho, apresenta elaborações teórico-metodológicas para analisar os processos de saída do armário de *bichas pretas* no projeto *Guardei no Armário*. Inspirado especialmente pelo feminismo negro de Patricia Hill Collins e pelas reflexões de María Lugones, o estudo mobiliza o conceito de autodefinição para compreender as narrativas autobiográficas compartilhadas no projeto. O trabalho propõe uma leitura crítica que posiciona a *escrivivência bicha* como uma prática de resistência infrapolítica, capaz de desafiar as imagens controladoras cis-heteronormativas e oferecer novos caminhos epistemológicos para discutir a existência política desses sujeitos no campo comunicacional.

No campo das análises das imagens contemporâneas, seguimos com o trabalho “Láròyé Èsú! Odò Ìyá! Oore Yèyè Odò!: contravisualidade negra, cosmopercepção e a representação de orixás nas produções de fotógrafos negros”, de Danilo Meireles, Emanuele Bazílio e Alice Andrade, cujo objetivo é analisar a contravisualidade negra por meio das representações de orixás na fotografia contemporânea de artistas negros periféricos do Nordeste do Brasil. A pesquisa apresentada busca compreender como esses fotógrafos reconfiguram as narrativas visuais e desafiam os estereótipos coloniais ao mobilizar conceitos como cosmopercepção, aquilombamento e ancestralidade afro-

brasileira. Através de uma metodologia baseada em análises visuais e narrativas, o estudo examina as produções fotográficas do projeto *Olhos Negros ON* da UFRN, destacando a fotografia como uma prática de resistência cultural e ativista, capaz de celebrar a diversidade das experiências negras e promover uma visão de mundo pluralista.

Entramos no mundo da música com o trabalho “Meu bem, é isso que eu mereço”? Jovelina Pérola Negra e modos de lembrar e esquecer no Youtube”, de Luciana Xavier de Oliveira, que propõe discutir a respeito do lugar da obra e da artista Jovelina Pérola Negra no Youtube, investigando os modos contemporâneos de construção de memória coletiva através da música em plataformas digitais e analisando regimes de visibilidade e invisibilidade que reproduzem e reforçam hierarquizações e desigualdades. E continuamos o debate sobre cenas musicais e territórios de pertencimento com o artigo “Territórios, terreiros e geopolíticas na escuta conexa”, de Tobias Arruda Queiroz e Victor Pires, que discute sobre a dimensão geopolítica nas análises de música ao vivo, a partir da noção de “escuta conexa”, propondo uma análise do Afropunk Bahia para compreender como o território pode ser atrelado aos processos de escuta e consumo.

Finalizamos a seção de artigos do dossiê com os trabalhos “O que se fala, o que se escreve: etnografia, deslocamentos epistêmicos e trabalho de campo em esports”, de Tarcízio Macedo, que realiza uma etnografia com 42 jogadores de um cenário comunitário de *esport* no Brasil, destacando os deslocamentos epistêmico-metodológicos necessários para uma abordagem decolonial e argumentando que o trabalho de campo em *esports* deve ser um processo de aprendizado e diálogo intepistêmico; e “Jornalismo negro e história silenciada: Uma análise do epistemicídio no currículo de cursos de jornalismo no Brasil”, de Aíla Cristhie Cardoso e Valéria Maria Vilas Bôas, que investiga a presença do Jornalismo Negro nos currículos das graduações em Jornalismo das 42 Universidades Federais do Brasil, analisando os Projetos Político-Pedagógicos (PPP) e suas Estruturas Curriculares. O estudo busca, então, tensionar concepções hegemônicas do jornalismo, questionar a ausência do debate racial na formação acadêmica e combater o epistemicídio nos cursos de Jornalismo do país.

Na seção Portfólio, apresentamos trabalhos da artista paraense Nay Jinknss, cujo olhar para imagens canônicas é reposicionado e fotofabulado, sugerindo-nos

tensionamentos de arquivos históricos e pessoais em propostas artísticas com outros imaginários e ressonâncias poéticas. Contamos ainda com a colaboração de uma entrevista, realizada por Pollyane Belo, com Denise Ferreira da Silva, em que se conversa a partir de deslocamentos epistêmicos das bases modernas e se percebe o anúncio da “comunalidade” para um novo projeto político e filosófico. Também ampliamos a sugestão de referências bibliográficas a partir das resenhas de duas obras, que são “Preta e Mulher” (2023), de Tsitsi Dangarembga, escritora africana do Zimbábue, e “Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros” (2023), de Mãe Beata de Iemanjá, ialorixá baiana. As resenhas foram escritas, respectivamente, pelas pós-graduandas Lídia Michelle Azevedo e Andréia Lago.

Acreditamos ser possível abrir e ocupar espaços de debate científico que privilegiam o deslocamento como método, a transgressão como premissa e a pluralidade como princípio. Que este dossiê seja um convite à transformação de nossas perspectivas e práticas, oferecendo outras formas de pensar, narrar e viver o campo da comunicação, da interação e da cultura.

Fernanda Carrera, Elane Abreu e Ana Lúcia Nunes